

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

Hellen Erika da Silva Medina

Taynara Silva Nunes

**KIXOKU ÓMEOKONO NE ITUKÉTI HÍYEUKÉ SENÓHIKO YA VÍPUXOVOKU
TONÓ' ITI LÍMAUM MOTÓVOKE KÍXEOKONOKU ITÚKEOVO YA HÍYEUKÉ
HÁNA' ITINOE KAVANÉKUTI**

Governança e Empreendedorismo Feminino na Aldeia Limão Verde: Desafios e Práticas de
Comercialização

AQUIDAUANA-MS

2024

Hellen Erika da Silva Medina

Taynara Silva Nunes

**KIXOKU ÓMEOKONO NE ITUKÉTI HÍYEUKÉ SENÓHIKO YA VÍPUXOVOKU
TONÓ' ITI LÍMAUM MOTÓVOKE KÍXEOKONOKU ITÚKEOVO YA HÍYEUKÉ
HÁNA' ITINOE KAVANÉKUTI**

Governança e Empreendedorismo Feminino na Aldeia Limão Verde: Desafios e Práticas de
Comercialização

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
exigência do curso de Bacharel em Administração,
da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob
a orientação da Professora Dra. Isadora Bacha Lopes

AQUIDAUANA - MS

2024



ATA DE APROVAÇÃO / APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (TCC) 2024

No dia 27 do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, as acadêmicas HELLEN ERIKA DA SILVA MEDINA e TAYNARA DA SILVA NUNES apresentaram o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) intitulado "Governança e Empreendedorismo Feminino na Aldeia Limão Verde: Desafios e Oportunidades na Comercialização" para a banca examinadora composta pelas professoras infra-assinadas, que consideraram o trabalho **aprovado com modificações**. A aprovação final no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) também está condicionada ao envio do TCC no formato pdf no Sistema Acadêmico (Siscad) e para o e-mail da Coordenação do Curso de Administração, até o dia 7/12/2024.

As principais observações requeridas pela banca foram:

- Alterações necessárias apontadas pela banca e que constam nos arquivos enviados pelos membros da banca para o discente.

Banca Examinadora:

- Presidente: Profa. Dra. Isadora Bacha Lopes
- Membro: Profa. Dra. Iára Quelho de Castro
- Membro: Profa. Dra. Gercina Gonçalves da Silva

Acadêmicas:

HELLEN ERIKA DA SILVA MEDINA e TAYNARA DA SILVA NUNES

Aquidauana, 27 de novembro de 2024.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Isadora Bacha Lopes, Professora do Magistério Superior**, em 27/11/2024, às 15:00, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Iara Quelho de Castro, Professora do Magistério Superior**, em 27/11/2024, às 15:26, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Gercina Goncalves da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 27/11/2024, às 20:47, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **HELLEN ERIKA DA SILVA MEDINA, Usuário Externo**, em 28/11/2024, às 11:01, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Taynara da Silva Nunes, Usuário Externo**, em 28/11/2024, às 11:18, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5277391** e o código CRC **6B7E2699**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)

Rua Oscar Trindade de Barros, 740 - Bairro da Serraria

Fone:

CEP 79200-000 - Aquidauana - MS

Referência: Processo nº 23450.000107/2020-15

SEI nº 5277391

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientadora - Profa. Dra. Isadora Bacha Lopes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ

Membro - Profa. Dra. Iára Quelho de Castro
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ

Membro – Profa. Dra. Gercina Gonçalves da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ

AQUIDAUANA,MS

2024

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, por nos guiar e fortalecer ao longo deste caminho. Sua presença nos capacitou a superar os desafios e nos deu a determinação necessária para seguir em frente. Eu, Taynara da Silva Nunes Agradeço aos meus pais, Airton Pereira Sebastião e Eloselina Ferreira da Silva, por ser um exemplo em minha vida, por todo apoio, amor e incentivo a seguir em frente todos os dias. Também a minha Tia Cleide Nara da Silva Arguelho Sebastião por sempre me ajudar, Sou grata à minha avó Teodomira da Silva, que foi o incentivo deste trabalho. Cada um de vocês foram uma fonte de força e inspiração, para sempre acreditar em meu potencial, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Eu, Hellen Erika da Silva Medina agradeço a minha mãe, Vanuza Delgado da Silva, e minha avó, Dalva Delgado Figueiredo por todo amor e apoio. Vocês são a minha maior inspiração e coragem. Agradecemos também à nossa orientadora, Professora Dra. Isadora Bacha Lopes, por sua dedicação, e orientação ao longo de todo o processo. Seu apoio foi fundamental para o sucesso deste trabalho. Estendemos nossa gratidão ao professor Arcenio Francisco Dias e a Professora Kátia Francisco, por terem colaborado na conclusão deste trabalho e também a comunidade indígena que colaborou com nossa pesquisa, suas contribuições foram essenciais para enriquecer o nosso trabalho. A todos que nos ajudaram de alguma forma, nosso sincero agradecimento. Sem o apoio de cada um, esta conquista não seria possível.

RESUMO

Este trabalho investigou a governança e o empreendedorismo feminino na Aldeia Limão Verde, localizada no município de Aquidauana-MS, com foco nas práticas de comercialização realizadas por feirantes de e artesãs. Utilizando uma abordagem qualitativa, que incluiu entrevistas semi-estruturadas, observação participante e análise documental, o estudo mapeou a estrutura organizacional da aldeia, destacando o papel do cacique, dos conselhos locais e das vilas na tomada de decisões coletivas. A pesquisa revelou a centralidade da liderança feminina no fortalecimento da economia local, apesar de desafios como falta de transporte interno, infraestrutura precária e barreiras culturais. Estratégias como feiras internas e externas, uso de ferramentas digitais e parcerias institucionais foram identificadas como mecanismos de superação dessas dificuldades. Os resultados indicam que a governança participativa da aldeia, ao integrar tradições culturais e práticas contemporâneas, desempenha um papel crucial no apoio às iniciativas empreendedoras, reforçando a autonomia econômica e social da comunidade. Conclui-se que o fortalecimento do empreendedorismo feminino e da comercialização depende de políticas públicas específicas, infraestrutura adequada e valorização cultural para garantir a sustentabilidade dessas práticas.

Palavras-chave: Governança indígena; Empreendedorismo feminino; Aldeia Limão Verde; Práticas de comercialização; Comunidades tradicionais.

ABSTRACT

This study investigated governance and female entrepreneurship in the Limão Verde Village, located in the municipality of Aquidauana-MS, focusing on the commercialization practices carried out by market vendors and artisans. Using a qualitative approach, including semi-structured interviews, participant observation, and document analysis, the research mapped the village's organizational structure, highlighting the roles of the chief, local councils, and villages in collective decision-making processes. The findings revealed the centrality of female leadership in strengthening the local economy, despite challenges such as limited internal transportation, inadequate infrastructure, and cultural barriers. Strategies such as internal and external markets, the use of digital tools, and institutional partnerships were identified as mechanisms to overcome these difficulties. The results indicate that the village's participatory governance, which integrates cultural traditions and contemporary practices, plays a crucial role in supporting entrepreneurial initiatives, reinforcing the community's economic and social autonomy. It concludes that the strengthening of female entrepreneurship and commercialization relies on specific public policies, appropriate infrastructure, and cultural appreciation to ensure the sustainability of these practices.

Keywords: Indigenous governance; Female entrepreneurship; Aldeia Limão Verde; Marketing practices; Traditional communities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Contribuições acadêmicas sobre a aldeia Limão Verde.....	11
2.1.1 Perspectivas do empreendedorismo social, indígena e feminino	12
2.1.1.1 Empreendedorismo Social e ecossistema.....	12
2.1.1.2 Empreendedorismo indígena.....	13
2.1.1.3 Empreendedorismo feminino indígena.....	13
2.2 Redes Alternativas de comercialização.....	14
2.2.1 Comunidades que sustentam a agricultura.....	14
2.2.2 Clubes de compras	14
2.2.3 Aplicativo de Mercado solidário	15
2.2.4 Feiras livres	15
2.2.5 Vendas ambulantes	15
2.2.6 Economia criativa	15
2.2.4.3.1 Desafios	16
2.2.4.3.2 oportunidades	16
3 METODOLOGIA	16
3.1 Coleta de dados	17
3.2 Análise de dados	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1 Aldeia Limão Verde	19
4.2 Instituições	20
4.2.1 Educação	20
4.2.2 Saúde	22
4.2.3 Religião	23
4.2.4 Espaços comunitários	23
4.2.5 Demais Organizações	24

4.3 Governança da Aldeia	26
4.4 Iniciativas empreendedoras	27
4.5 Comercialização	28
4.5.1 Comercialização interna	28
4.5.2 Comercialização externa	29
4.5.3 Comercialização de artesanato interno e externo	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

As comunidades indígenas no Brasil desempenham um papel essencial na preservação da diversidade cultural e na construção de modelos sustentáveis de desenvolvimento. No entanto, ainda há um déficit significativo de informações sobre suas estruturas de governança e suas dinâmicas econômicas, o que dificulta a formulação de políticas públicas inclusivas e a promoção de iniciativas que valorizem suas especificidades culturais e sociais. ([Brasil, 2020?]).

A Aldeia Limão Verde, pertencente ao povo Terena, está localizada no município de Aquidauana, no Estado de Mato Grosso do Sul. A aldeia ocupa uma área de aproximadamente 5.000 hectares e abriga cerca de 345 famílias, cujas atividades econômicas estão centradas na agricultura familiar. Além disso, a comunidade conta com parcerias importantes, como com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que oferece cursos de capacitação, e com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), que presta apoio jurídico e social, representando a comunidade em diversas instâncias (Souza, 2024)¹.

O empreendedorismo feminino, conforme apontam Cardoso (2022) e Castro (2014), tem papel central na manutenção da economia local da Aldeia Limão Verde. As práticas econômicas realizadas pelas mulheres, incluindo a comercialização de artesanato e produtos agrícolas, refletem as dinâmicas sociais, culturais e os desafios enfrentados pela comunidade. Essas atividades representam não apenas uma fonte de renda, mas também um meio de resistência cultural e de promoção da autonomia. Como reforça Cardoso (2004), o contexto cultural é essencial para a promoção da autonomia indígena por meio da educação e de práticas sustentáveis, que se baseiam em conhecimentos transmitidos de geração em geração e em uma relação profundamente integrada com a natureza.

Entretanto, as mulheres da aldeia enfrentam barreiras significativas, como a exploração por intermediários, a falta de infraestrutura e as limitações no acesso a mercados. Conforme observa Galan (1994, p. 114), “a participação da mulher Terena na economia de mercado tem sido intensa [...] embora nem sempre percebam o grau de exploração e alienação a que são submetidas pela sociedade mais ampla”. Apesar dessas adversidades, elas desenvolvem estratégias de resiliência, adaptando-se às situações e fortalecendo suas práticas culturais e econômicas.

¹ Refere-se a Ademilson Souza, Cacique da Aldeia Limão Verde, entrevistado em 25 de Setembro de 2024.

Nesse contexto, a questão principal que orienta essa pesquisa é: Como a governança da Aldeia Limão Verde e as práticas de comercialização moldam o empreendedorismo feminino na comunidade?

Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral analisar como a governança da Aldeia Limão Verde e as práticas de comercialização moldam o empreendedorismo feminino na comunidade, investigando as oportunidades e desafios enfrentados pelas feirantes e artesãs em suas atividades comerciais. Para alcançar esse objetivo, busca-se mapear as estruturas de governança, compreender os desafios enfrentados pelas mulheres e identificar práticas que contribuam para a valorização cultural e a promoção da autonomia.

A relevância deste trabalho reside em sua capacidade de dar visibilidade às dinâmicas internas das comunidades indígenas, destacando o papel do empreendedorismo feminino como um instrumento de transformação social. Ao explorar as interações entre cultura, economia e gênero, o estudo oferece subsídios para a formulação de políticas públicas e ações comunitárias que respeitem e valorizem as especificidades dessas comunidades. Além disso, possibilita compreender de forma mais profunda as estratégias de superação de barreiras estruturais, oferecendo um olhar contemplativo sobre a inserção das mulheres indígenas no mercado de trabalho contemporâneo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O surgimento da economia empreendedora pode ser visto como um fenômeno que combina aspectos culturais, psicológicos, econômicos e tecnológicos e dentro da aldeia Limão Verde não seria diferente. No entanto, observa-se que ainda não há uma explicação plenamente porque o espírito empreendedor surge e se manifesta atualmente, nem por que ele se restringe a determinados países ou culturas.

De acordo com a FSC Indigenous Foundation (2021), as economias indígenas vão muito além do que os indicadores tradicionais de economia e desenvolvimento social conseguem medir. Elas são fundamentais para o equilíbrio do meio ambiente e para o bem-estar de toda a humanidade. Mais do que bens materiais essenciais, essas economias oferecem ao mundo algo único: recursos e benefícios públicos de valor incalculável, que impactam até os mercados internacionais de forma positiva e sustentável.

Diante disso, o referencial deste trabalho inicia-se com as contribuições acadêmicas relacionadas à Aldeia Limão Verde, estabelecendo um diálogo com estudos que já analisaram a aldeia sob diferentes perspectivas. Em seguida, o trabalho explora teorias relacionadas à

Empreendedorismo Social, Indígena e Feminino e por fim, o foco recai sobre os aspectos Comercialização em Redes Alternativas, Feiras Livres e Economia Criativa para Comunidades Indígenas.

2.1 Contribuições acadêmicas sobre a Aldeia Limão Verde: Memórias, Educação e práticas econômicas.

A Aldeia Limão Verde tem sido objeto de estudo em pesquisas que abordam suas memórias, práticas culturais, atividades econômicas e educacionais. Este trabalho baseou-se nas contribuições de Cardoso (2004), Castro (2014) e Cardoso (2022), que oferecem perspectivas complementares sobre a organização social e o protagonismo feminino na comunidade, ressaltando a importância dessas dinâmicas para o fortalecimento da identidade cultural e do desenvolvimento sustentável.

O estudo de Cardoso (2022) examina as práticas econômicas das mulheres feirantes da aldeia, destacando seu papel central na economia local. A pesquisa revela como essas mulheres enfrentam desafios significativos na comercialização de seus produtos, mas, ao mesmo tempo, contribuem para o fortalecimento da autonomia comunitária e para a valorização cultural. Essas práticas empreendedoras estão profundamente conectadas às representações culturais e sociais da aldeia, demonstrando o protagonismo feminino como um elemento essencial para o desenvolvimento social e econômico da comunidade.

Já Castro (2014) resgata a história e as memórias do povo Terena, evidenciando sua relevância para a construção da identidade cultural e histórica do município de Aquidauana. O autor explora como a interação entre a comunidade indígena e a cidade moldou práticas sociais e econômicas ao longo do tempo, preservando aspectos fundamentais da cultura Terena em meio a transformações históricas. Dentro desse contexto, uma reflexão importante sobre a relação entre comunidades indígenas e agentes externos o entendimento da importância de valorizar os saberes e práticas locais em iniciativas empreendedoras que buscam respeitar as especificidades culturais das comunidades indígenas.

Por fim, Cardoso (2004) analisa o papel da escola indígena como um espaço para o diálogo entre saberes tradicionais e conhecimentos acadêmicos, promovendo o desenvolvimento sustentável e fortalecendo a coesão social da aldeia. O estudo enfatiza que a educação desempenha um papel crucial na preservação cultural, ao mesmo tempo que capacita os jovens indígenas para lidar com os desafios do mundo contemporâneo.

Esses trabalhos convergem para destacar a importância das iniciativas culturais, educacionais e econômicas da Aldeia Limão Verde no fortalecimento da identidade indígena e na promoção do desenvolvimento sustentável. Eles evidenciam o protagonismo das mulheres, a preservação da memória histórica e o papel transformador da educação como elementos centrais nas dinâmicas comunitárias.

2.1.1 Perspectivas do Empreendedorismo Social, Indígena e Feminino

O empreendedorismo social tem sido apontado como uma estratégia capaz de promover mudanças estruturais em comunidades vulneráveis ao aliar inovação e práticas empresariais a missões sociais. Segundo Limeira (2015), esse modelo busca resolver problemas sociais e ambientais por meio de iniciativas sustentáveis, o que demanda um ecossistema que integre diversos atores, incluindo o governo, ONGs, setor privado e instituições de ensino. Limeira (2015) ressalta que as universidades desempenham um papel crucial na formação e capacitação dos empreendedores sociais, fornecendo pesquisa e suporte técnico para potencializar o impacto dessas iniciativas.

Ribeiro et al. (2020) complementam essa visão ao destacar a importância de políticas públicas inclusivas, redes de colaboração e o acesso a financiamento adequado como fatores essenciais para o crescimento do empreendedorismo social no Brasil. O artigo sublinha que um ecossistema inclusivo é necessário para superar desafios, como falta de recursos financeiros e burocracia excessiva, que ainda limitam o avanço dessas iniciativas.

2.1.2 Empreendedorismo Social e Ecossistema

O ecossistema de empreendedorismo social é composto por uma rede de atores que trabalham para apoiar a sustentabilidade e o impacto das iniciativas sociais. Limeira (2015) e o estudo de Sanches e Moraes (2020) ressaltam que a existência de políticas públicas consistentes, parcerias estratégicas e redes colaborativas são fundamentais para o sucesso dessas iniciativas. Os autores Sanches e Moraes (2020) destacam que, para que a economia social e solidária se fortaleça, é necessário criar condições favoráveis, como acesso a crédito e capacitação técnica, além de integrar as práticas sociais ao mercado formal.

Silva e Gomes (2022) discutem como o empreendedorismo social, quando aplicado em comunidades indígenas, deve respeitar as particularidades culturais e sociais dessas populações. Eles ressaltam que práticas empreendedoras nessas comunidades são frequentemente moldadas por valores tradicionais, o que demanda um ecossistema sensível às suas necessidades e características culturais.

2.1.3 Empreendedorismo Indígena

O empreendedorismo indígena é uma manifestação do empreendedorismo social que busca promover a autonomia econômica das comunidades indígenas, ao mesmo tempo em que preserva suas tradições e cultura. Conforme Silva e Gomes (2022), essas práticas combinam conhecimentos tradicionais com inovações contemporâneas, criando soluções econômicas sustentáveis que respeitam a diversidade cultural das comunidades. Iniciativas como cooperativas, turismo comunitário e produção artesanal demonstram o potencial do empreendedorismo indígena para gerar impacto positivo e fortalecer os vínculos comunitários.

A FSC Indigenous Foundation aponta que os principais desafios enfrentados pelas comunidades indígenas incluem acesso limitado a crédito, falta de infraestrutura adequada e barreiras culturais. Para que essas comunidades possam prosperar, é fundamental que o ecossistema de apoio inclua políticas públicas, capacitação técnica e suporte financeiro, respeitando os saberes e práticas tradicionais.

2.1.4 Empreendedorismo Feminino Indígena

O empreendedorismo feminino indígena é um elemento essencial para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades indígenas. Segundo Oliveira (2020), as mulheres indígenas desempenham um papel central na geração de renda e na preservação das tradições culturais, por meio de atividades como o artesanato e a produção local. Contudo, enfrentam desafios relacionados à desigualdade de gênero, acesso restrito a crédito e oportunidades de capacitação. Ribeiro et al. (2020) e Limeira (2015) destacam que a promoção do empreendedorismo feminino requer o fortalecimento de políticas públicas inclusivas e programas de capacitação adaptados às necessidades das mulheres indígenas.

A capacitação técnica oferecida por universidades, ONGs e instituições públicas é fundamental para que essas mulheres possam expandir suas atividades, acessar novos mercados e alcançar maior autonomia econômica, transformando o papel das mulheres indígenas nas suas comunidades e gerando impacto social duradouro.

2.2 Redes Alternativas de Comercialização

Este tópico busca ampliar as possibilidades teóricas e práticas para aprimorar o contexto da comercialização em comunidades indígenas e rurais, considerando as dinâmicas de produção e consumo. Com a transição para modelos mais sustentáveis de produção e distribuição de alimentos, surgem iniciativas que promovem formas alternativas de

comercialização. Redes Alimentares Alternativas, são práticas que buscam reduzir a dependência de sistemas alimentares convencionais, promovendo proximidade entre produtores e consumidores, além de valorizar práticas ecológicas e socialmente justas. Conforme Amaral et al. (2021), essas redes integram dimensões de proximidade econômica, social e espacial, e têm como traços distintivos a confiança, o apoio econômico às comunidades locais e o fortalecimento de relações justas entre os atores.

Essas redes incluem iniciativas como circuitos curtos de comercialização, aplicativos digitais, feiras livres, clubes de compras e outras práticas que transcendem o modelo tradicional de mercado, reforçando a inclusão social e econômica, especialmente em comunidades indígenas, como destaca Ribeiro e Darolt (2021). A seguir, destacam-se algumas categorias e suas contribuições.

2.2.1 Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA)

De acordo com Sousa et al. (2023), o modelo das Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) cria uma rede local de fornecimento de alimentos onde produtores e consumidores trabalham juntos. Nesse modelo, os consumidores compram uma cota da CSA e concordam em financiar a produção agrícola. Em troca, os agricultores entregam semanalmente alimentos frescos aos consumidores. Este modelo promove uma ligação direta e contínua entre produtores e consumidores, permitindo que os agricultores planejem suas produções com base em demandas estabelecidas, garantindo uma renda estável e valorizando práticas sustentáveis.

2.2.2 Clubes de Compras

Os clubes de compras fortalecem economias locais ao conectar pequenos produtores diretamente com grupos de consumidores organizados. Essa prática permite maior controle sobre os preços e a preservação da identidade cultural dos produtos, reforçando a sustentabilidade econômica das comunidades (Darolt; Rover, 2021).

2.2.3 Aplicativos de Mercado Solidário

Segundo Feiden, Ramos e Schwanke (2020), os agricultores familiares têm utilizado redes sociais como uma forma de comercializar seus produtos, mas ainda desconhecem o impacto direto dessa prática em sua renda. No entanto, o aumento da demanda e o crescimento da procura por meio dessas plataformas indicam o potencial do comércio eletrônico como uma alternativa para expandir a comercialização, apesar de alguns desafios,

como a falta de estoque suficiente para atender a essa crescente demanda. Nesse contexto, iniciativas como o aplicativo "Mercado Solidário", lançado em Mato Grosso do Sul, também mostram como as plataformas digitais podem facilitar a conexão entre produtores e consumidores, fortalecendo a agricultura familiar e a economia solidária, ao oferecer uma forma de comercialização mais inclusiva e eficiente (Rocha, 2024).

2.2.4 Feiras Livres

As feiras livres são espaços fundamentais para a comercialização direta de produtos entre pequenos produtores e consumidores, promovendo tanto a sustentabilidade econômica quanto a valorização cultural. Além disso, elas desempenham um papel importante na preservação de tradições locais e no intercâmbio social, contribuindo para o fortalecimento da economia criativa e do comércio justo (Cunha; Singulani, 2022).

2.2.5 Vendas Ambulantes

A venda ambulante, tradicional em comunidades indígenas e rurais, oferece flexibilidade e acessibilidade a mercados urbanos. Essa prática é especialmente relevante para pequenos produtores que buscam comercializar produtos em regiões distantes de suas comunidades [Brasil, 2020?].

2.2.6 Economia Criativa

A economia criativa transforma práticas tradicionais em oportunidades econômicas sustentáveis, ao integrar saberes ancestrais a produtos com alto valor agregado. Como destacado pela UNESCO, a valorização cultural é um componente essencial para a promoção de economias locais em contextos indígenas (Unesco, 2020).

2.2.7 Desafios

Entre os principais desafios das redes alternativas de comercialização estão barreiras legais e logísticas, como transporte inadequado e custos elevados de produção. Além disso, há a necessidade de equilibrar a modernização econômica com o respeito às tradições culturais (Feiden; Ramos; Schwanke;2020).

2.2.8 Oportunidades

Por outro lado, o avanço das tecnologias digitais, combinado com políticas públicas inclusivas, oferece novas possibilidades para ampliar a autonomia econômica das

comunidades indígenas. Essas ferramentas também contribuem para reforçar a identidade cultural e o alcance dos produtos dessas comunidades (Miranda, 2020).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois busca compreender em profundidade o estado atual do empreendedorismo feminino na Aldeia Limão Verde, com foco nas práticas de comercialização das feirantes e artesãs. Segundo Merriam e Tisdell (2016), a pesquisa qualitativa permite uma exploração detalhada de fenômenos sociais, oferecendo uma perspectiva contextualizada e interpretativa da realidade investigada. Essa abordagem foi escolhida para captar as dinâmicas internas e os desafios específicos enfrentados pelas mulheres da comunidade, que dificilmente seriam completamente compreendidos através de métodos quantitativos.

O estudo classifica-se como exploratório e descritivo, já que visa descrever uma área pouco explorada, ampliando o entendimento sobre o empreendedorismo feminino em comunidades indígenas, especialmente na Aldeia Limão Verde. Para Gil (2008), pesquisas exploratórias são indicadas quando o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o tema, permitindo que o pesquisador explore variáveis e compreenda melhor o contexto do fenômeno analisado.

A pesquisa utilizou uma combinação de métodos, incluindo pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica envolveu a revisão de literatura sobre empreendedorismo feminino e comunidades indígenas, enquanto a pesquisa documental incluiu o exame de registros e documentos disponíveis sobre a Aldeia Limão Verde e suas parcerias institucionais (com o Senar, Funai, ONGs como WWF, entre outras). A pesquisa de campo foi conduzida através de visitas à aldeia, possibilitando um contato direto com as entrevistadas e observação da realidade local, como defendido por Godoy (1995), que destaca a importância da pesquisa de campo para aprofundar a compreensão de contextos complexos.

3.1 Coleta de dados

Os dados coletados incluem tanto dados primários quanto secundários. Os dados primários foram obtidos diretamente das entrevistas e observações feitas durante as visitas à aldeia, nos pontos de comercialização, e feiras, enquanto os dados secundários foram extraídos de documentos e relatórios institucionais sobre a comunidade e suas parcerias, além de informações obtidas via whatsapp e pesquisas de apoio.

Foram utilizadas várias técnicas de coleta de dados, incluindo onze entrevistas semiestruturadas, observação participante e registros fotográficos, para captar as práticas de empreendedorismo feminino e as dinâmicas sociais locais.

1. Entrevistas Semiestruturadas: Foram conduzidas entrevistas com seis feirantes e duas artesãs, além de conversas com o cacique atual, Ademilson Souza, um ancião da aldeia e um supervisor estadual do Prevfogo/ IBAMA. As entrevistas com as feirantes ocorreram tanto na feira quanto na residência de uma delas, permitindo compreender seus processos de comercialização e os desafios enfrentados, como a falta de infraestrutura no ponto de venda. As entrevistas com as artesãs ocorreram durante eventos de exposição de seus produtos e por meio de comunicação virtual (WhatsApp), no caso de uma das artesãs que enfrentava dificuldades de acesso presencial. No dia 06 de novembro de 2024, uma breve entrevista foi realizada com as feirantes do centro, incluindo a Sra. Iara Chimenes, líder das feirantes.

2. Observação Participante: A observação participante foi facilitada pela presença de uma das pesquisadoras, que é indígena e moradora da aldeia, isso proporcionou uma visão interna da comunidade e um acesso mais amplo à aldeia. A familiaridade dela com o ambiente facilitou a nossa entrada e proporcionou um contato mais próximo com as pessoas da aldeia, principalmente a liderança.

Além disso, ela serviu como um guia durante o processo e ajudou a identificar as áreas importantes, tornando a visita muito mais enriquecedora. Esse contato permitiu o registro de diversas dinâmicas sociais, incluindo a interação e cooperação entre os membros da aldeia. Um exemplo interessante dessa organização social foi o uso de um grupo de WhatsApp, criado para facilitar a comunicação rápida e eficiente entre os moradores. Por meio desse grupo, todos recebem informações importantes em tempo real, como avisos sobre eventos, reuniões ou atividades comunitárias. A utilização dessa ferramenta digital reflete um alto nível de organização e união entre os moradores, que se apoiam mutuamente para garantir o bom funcionamento da comunidade.

3. Registros Fotográficos: Durante a visita de campo, foram realizados registros fotográficos das atividades e estruturas mencionadas, como os espaços de venda e os produtos das artesãs. Esses registros visam documentar o ambiente e as interações, preservando informações visuais que complementam as observações e entrevistas.

3.2 Análise dos dados

Os dados foram analisados de forma interpretativa, considerando o contexto cultural e social específico da Aldeia Limão Verde. Para Flick (2009), a análise interpretativa é

apropriada em estudos qualitativos, pois permite que o pesquisador compreenda os significados e percepções das participantes a partir de suas próprias perspectivas, o que é fundamental para captar nuances das práticas empreendedoras e dos desafios enfrentados na comunidade.

As dimensões analisadas a partir das entrevistas são: 1. Histórico e motivação para empreender; 2. Desafios; 3. Governança; 4. Parcerias e Apoio comunitário; 5. Tradição e inovação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico serão abordados os resultados a partir dos seguintes eixos principais: Aldeia Limão Verde, Iniciativas Empreendedoras e Comercialização, analisando as práticas, desafios e oportunidades relacionadas ao empreendedorismo feminino na comunidade. Essas análises buscam explorar os aspectos sociais, econômicos e culturais que permeiam as atividades das mulheres feirantes e artesãs, fornecendo uma compreensão aprofundada das dinâmicas locais.

As perguntas das entrevistas foram divididas em temas relacionados ao histórico e às atividades empreendedoras das feirantes e artesãs, os desafios enfrentados e o impacto da governança local nas práticas de comercialização, nos tópicos “Iniciativas Empreendedoras” e “Comercialização” haverá referência às dimensões analisadas, incluindo Histórico e motivação para empreender, Desafios, Governança, Parcerias e Apoio comunitário, e Tradição e Inovação. Essas dimensões foram extraídas das entrevistas e refletem elementos centrais para a compreensão das práticas empreendedoras, as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas pelas mulheres da Aldeia Limão Verde. Ao integrar essas dimensões aos resultados, será possível oferecer uma análise contextualizada que evidencia como os fatores internos e externos influenciam o desenvolvimento socioeconômico da comunidade e suas estratégias de comercialização.

4.1. Aldeia Limão Verde

A Aldeia Limão Verde, pertencente ao povo Terena, está localizada no município de Aquidauana, no Estado de Mato Grosso do Sul. O território da aldeia abrange uma área de aproximadamente 5.000 hectares, que serve como base para as atividades da comunidade, especialmente a agricultura familiar, uma das principais fontes de sustento das 345 famílias que ali residem.

Esse território não é apenas um espaço de sobrevivência econômica, mas também de preservação cultural e social, onde práticas tradicionais são mantidas e compartilhadas entre as gerações. Além disso, a gestão do território conta com o suporte de parcerias estratégicas, como a colaboração com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), que presta assistência em questões jurídicas e sociais. As parcerias com organizações não governamentais, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), também contribuem para a capacitação dos moradores, promovendo o desenvolvimento sustentável e fortalecendo a relação da comunidade com seu território. Na figura 1 é possível ver a Aldeia sob o Morro da Vigia.

Figura 1 - Aldeia Limão Verde vista do morro da vigia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

A aldeia é dividida em várias vilas, como: Vila Cruzeiro, Vila Catarina, Vila Baixadão, Vila Cardoso, Vila Palmeirinha, Vila Nascente e Vila Novo Horizonte. Cada vila possui um representante que atua como uma ponte entre a comunidade e o cacique, facilitando a comunicação e a tomada de decisões em nível local. Esse sistema garante que as diferentes necessidades das vilas sejam consideradas pela liderança.

4.2 Instituições

O presente trabalho também levantou as principais instituições presentes na aldeia, sendo elas no âmbito da educação, saúde, religião e unidades de apoio.

No primeiro momento reflete-se sobre a educação pois desempenha um papel fundamental na preservação das culturas, línguas e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Logo, temos a saúde que visa atender às necessidades específicas das comunidades indígenas, respeitando suas culturas, saberes tradicionais e modos de vida. Garantir esse cuidado não apenas promove a equidade e os direitos humanos, mas também fortalece a preservação das identidades indígenas.

Em sequência discorre sobre a religião, um elemento fundamental da identidade dos povos indígenas, que reflete sobre seus valores, crenças, histórias e tradições e por fim as unidades de apoio geralmente vivem em regiões isoladas, onde o acesso fica comprometido e garantem serviços de prevenção facilitando o transporte e a logística para casos que exigem atendimento especializado como a prevenção ao fogo, por exemplo.

4.2.1 Educação

Na Aldeia existem duas escolas: a Municipal e a Estadual. A Escola Municipal Indígena Pólo Lutuma Dias, conforme mostrada na figura 3, atende as turmas de Educação Infantil, ensino fundamental séries iniciais 1º ao 5º ano e séries finais 6º ao 9º ano, e a Escola Estadual Indígena Ensino Médio Pascoal Leite Dias, mostrada na figura 2 que oferece o ensino médio integral e possui em sua grade a disciplina de agroecologia.

Figura 2 - E. E. I. E. M. Pascoal Leite Dias



Figura 3 - Escola Municipal Indígena Pólo Lutuma Dias



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

Além das escolas, a Associação de Acadêmicos da aldeia desempenha um papel significativo na formação dos jovens indígenas, que têm a oportunidade de cursar o ensino superior em diferentes áreas e instituições. Segundo Souza (2024) a associação de acadêmicos é composta por 98 universitários, que representam diversas áreas do conhecimento e que são apoiados pela comunidade e pelo cacique, que vê grande valor no retorno desses estudantes com novas ideias e habilidades que podem beneficiar a aldeia como um todo, ele também relata sobre o transporte para esses acadêmicos, que é facilitado, com ônibus disponibilizados pela prefeitura, permitindo que eles escolham entre diferentes turnos de estudo, adaptando-se à sua rotina e às demandas das faculdades. .

Para ampliar ainda mais o acesso à capacitação profissional, a Aldeia Limão Verde estabeleceu uma parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), que oferece cursos de capacitação de acordo com as demandas locais. Souza (2024) ainda relata,

que em setembro de 2024, foram realizados 16 cursos, abrangendo desde habilidades práticas até formações específicas, como o curso de assistente administrativo, que contou com uma formatura de 40 alunos em agosto. A escolha dos cursos oferecidos é feita de forma colaborativa: o cacique compartilha com a comunidade uma lista de cursos disponíveis por meio de grupos de WhatsApp, permitindo que os interessados manifestem sua preferência. A partir dessa resposta, são formados grupos de no mínimo 10 pessoas para viabilizar as capacitações. Essa metodologia não apenas incentiva o engajamento da comunidade, mas também possibilita que os cursos atendam diretamente às necessidades e interesses dos moradores da aldeia.

A presença dessas instituições educacionais e de capacitação representa uma estratégia importante para a autonomia e o desenvolvimento da aldeia, pois o conhecimento adquirido pelos alunos e acadêmicos não apenas amplia as oportunidades individuais, mas também fortalece a comunidade como um todo.

4.2.2 Saúde

Em relação à saúde, a aldeia conta com um posto para atendimento médico e cuidados preventivos, ele é um espaço essencial para garantir a saúde e o bem-estar da comunidade indígena, e conta com uma equipe de profissionais indígenas. Oferecendo serviços básicos que atuam na prevenção de doenças. Segundo Souza (2024), o posto conta com agentes da própria comunidade, que visitam as casas para um pré-agendamento, avisos, entre outros, e que algumas famílias enfrentam problemas de saúde, como hipertensão e diabetes, provavelmente relacionada a mudanças alimentares e estilos de vida. Souza (2024) diz, ainda que muitos dessas famílias são produtores e que seus produtos na maioria das vezes são comercializados na cidade para fazer compra de alimentos industrializados, que tem sido um dos focos prejudiciais a saúde, por conta disso as cestas que recebem do governo do estado sofreram algumas mudanças, “Retirou um pouco do óleo, açúcar, colocaram erva mate e canjica” diz o cacique sobre as mudanças na cesta básicas.

Figura 4 - Posto de saúde TI Limão Verde



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

4.2.3 Religião

Atualmente a aldeia conta com aproximadamente 9 igrejas, cada uma com suas características e doutrinas, a igreja católica, por ser toda construídas de pedra, tem uma beleza que chama atenção, ela fica localizada no centro da aldeia conforme mostrado na figura 5, há também as igrejas evangélicas como Igreja evangélica pentecostal “Operando Deus quem impedirá” conforme mostrado na figura 6, há a igreja Assembleia de Deus, Uniedas entre outras, apesar das religiões serem diferentes, não há conflitos entre elas, anualmente é realizado um culto na associação dos moradores, na qual todas as denominações participam. Hoje não existe mais a pajelança na aldeia, o pajé era considerado uma pessoa importante dentro da comunidade dotados de poderes sobrenaturais. No entanto, apesar de não existir, atualmente, a figura do pajé na comunidade, ainda existem aquelas pessoas que utilizam das ervas medicinais, remédios caseiros, que são tradições e culturas indígena.

Figura 5 - Igreja Católica



Figura 6 - Igreja evangélica pentecostal



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

4.2.4 Espaços comunitários

Na aldeia tem espaços de convivência fundamentais, um deles é a Associação no centro da aldeia conforme mostrado na figura 7, que serve para a comunidade se reunir em

casos de reuniões, avisos e também é onde ocorre a distribuição das cestas básicas para a comunidade indígena que tem o seu cadastro. Outras vezes é o lugar onde acontecem os cursos que vão pra aldeia.

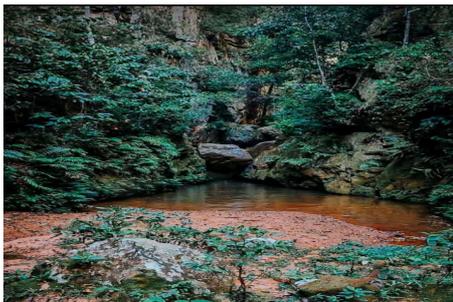
Figura 7 - Associação



Fonte: acervo pesquisadora (2024)

Outros espaços de convivência a serem considerados são o campinho de futebol e o córrego João Dias. Abaixo na figura 8, está a imagem da nascente do córrego João Dias.

Figura 8 - Nascente do córrego João dias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

4.2.5 Demais organizações

A TI (Terra Indígena) Limão Verde conta com o Prevfogo voltada para a preservação ambiental e o controle de incêndios, nesse espaço, os brigadistas armazenam os equipamentos e materiais necessários para o combate aos incêndios, como EPI (Equipamento de proteção Individual), ferramentas e outros suprimentos essenciais para o trabalho. Além disso, essa base tem um papel importante na preservação ambiental da aldeia. A brigada Limão Verde (Prevfogo/Ibama), foi implantada na TI Limão Verde em julho de 2013. De acordo com Sebastião (2024)², na ocasião existiam muitos casos de incêndios florestais na comunidade

² Refere-se a Airton Pereira Sebastião, Supervisor Estadual do Prevfogo/ Ibama, entrevistado em 11 de Novembro de 2024.

que duravam dias e até semanas, geralmente provocados por queimas de roça sem controle.. Na figura 9 é possível se observar a base do Prevfogo/Ibama.

Com o passar dos anos a brigada expandiu na área de educação ambiental nas escolas, em reuniões feitas pela liderança local, visitas nas propriedades e também na rádio local. Com essas palestras obteve-se um resultado positivo, pois a população local começou a compreender o lado bom e o lado ruim do fogo, e isso fez entender as formas corretas de lidarem com queimadas e com os incêndios.

Nos anos seguintes, na temporada de chuvas, os brigadistas tiveram a ideia de produção de mudas nativas, frutíferas, medicinais, etc. Atualmente a brigada é a responsável pela execução de queima de roças na comunidade, realizam inúmeras palestras nas escolas locais, produzem mudas e distribui gratuitamente a população, junto com professores e alunos realizam trabalhos de recuperação de áreas degradadas e nascente de córregos e minas d'água, fazem trabalhos comunitário junto à liderança e também, como apoio, atua em combates aos incêndios na região do Pantanal e ministram curso de combate ao fogo às brigadas voluntárias nessas regiões.

Figura 9 - Base do PrevFogo/Ibama



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

A ONG Ecoa e a Estância Caiman contribuíram para construção da nova base da brigada. A ONG Chalana Esperança junto da ONG internacional Conservation Wild construíram um viveiro conforme mostrado na figura 10, com todos os suprimentos necessários e curso de produção de mudas com a participação de mulheres, com a finalidade de promover a sustentabilidade. A ONG Restaura ficou com a responsabilidade de recuperar as nascentes de minas d'água, com cursos de produção de mudas a liderança, alunos e professores da rede estadual, doando materiais para execução de sistemas agroflorestais.

Figura 10 - Viveiro instalado na base de PrevFogo



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

4.3 Governança da Aldeia

Após relatar as principais instituições que compõem a aldeia, os próximos parágrafos, buscam relatar algumas questões voltadas para a governança da aldeia. A Aldeia possui uma estrutura organizacional composta pelo cacique, vice-cacique, e um conselho que inclui representantes de cada vila, o que demonstra um modelo participativo de governança. Essa abordagem dialoga com os apontamentos de Sanches e Moraes (2020), que destacam a relevância de estruturas colaborativas para fomentar a economia social e solidária. Contudo, desafios identificados, como a ausência de regras formais para ocupação de terrenos, revelam lacunas que precisam ser superadas para consolidar a sustentabilidade e a organização interna.

O cacique é o principal líder da aldeia, mas ele não atua de forma isolada nas decisões. Em seu mandato, conta com a ajuda do vice-cacique e de um conselho. Esses conselhos e representantes ajudam a garantir que diferentes aspectos e interesses da comunidade sejam considerados na gestão da aldeia. Além disso, os poucos anciãos que ainda vivem na aldeia exercem uma influência significativa nas decisões, mas eles não têm um papel obrigatório ou direto na tomada de decisões formais.

As decisões seguem um processo colaborativo. Quando o cacique tem uma sugestão ou uma proposta, ele consulta seus representantes e o vice-cacique. O cacique compartilha suas ideias e ouve as opiniões de todos os envolvidos.

Além disso, há uma participação ativa da comunidade nas discussões, que é feita em reuniões, o que garante transparência e comunicação eficiente. Após a deliberação entre o cacique e os representantes, as decisões são comunicadas para toda a aldeia. Esse processo de consulta e comunicação garante que todos estejam informados e que as ações da liderança reflitam o interesse coletivo da aldeia. Essa governança participativa permite que as decisões sejam fundamentadas nas realidades e necessidades da aldeia, com foco em resolver desafios locais e promover o bem-estar da comunidade.

Apesar disso, foi observado que, até o momento, não há regras formais ou mecanismos de sanção definidos especificamente para certas situações. No entanto, a comunidade conta com regras internas e externas que podem nortear decisões e orientar a resolução de questões que possam surgir. O fortalecimento dessas diretrizes, por meio do diálogo coletivo, pode contribuir para a organização, sempre respeitando os valores e as tradições locais da comunidade.

4.4 Iniciativas Empreendedoras

Dentro da comunidade indígena existe uma rica variedade de iniciativas empreendedoras, que fortalecem a economia local e promovem a autonomia dos moradores. As atividades incluem produções artesanais, agricultura familiar, pequenos comércios, refletindo o espírito empreendedor da comunidade.

Essas iniciativas vão desde artesãos que produzem peças tradicionais e itens de artesanato, valorizando a cultura local e atraindo clientes tanto da comunidade quanto de fora até a uma padaria e mercearias que oferecem produtos à população, e um comércio de sorvetes e açai e lanches que fazem delivery.

A agricultura familiar, também desempenha um papel central na Aldeia, contribuindo para a economia das feirantes que fazem as vendas desses produtos em Aquidauana. Também há uma associação de costureiras que se dedicam à produção e conserto de roupas, oferecendo um serviço essencial e gerando renda com a venda de peças e reparos.

Alguns projetos que estão ainda em fase de amadurecimento e formação são a Cooperativa de Costura e o Turismo de Base Comunitária. Com relação a primeira iniciativa, há uma intenção de criação de uma associação de costureiras, formada por mulheres que participaram de um curso de capacitação recente oferecido pelo Senac. Após a capacitação, essas mulheres se organizaram e montaram a associação, o que pode ser um primeiro passo para o desenvolvimento de uma cooperativa de costureiras no futuro. A cooperativa é uma ideia com grande potencial de crescimento, pois poderia gerar renda de forma mais estruturada para as participantes.

Além disso, em entrevista o cacique manifestou interesse em desenvolver o turismo de base comunitária como uma forma de valorizar a cultura local e diversificar as fontes de renda da comunidade, de acordo com ele, já ocorreram duas reuniões para discutir e definir os primeiros passos dessa iniciativa, que ainda está em fase de desenvolvimento. A partir dessas discussões, espera-se avançar na elaboração de estratégias, na definição de projetos concretos e na identificação dos benefícios que poderão ser gerados para a comunidade.

Em 2024, o governo federal lançou o fomento rural, um projeto de incentivo ao empreendedorismo, disponibilizando recursos para moradores que apresentarem projetos de negócios viáveis. Aqueles que tiverem seus projetos aprovados podem receber uma verba para investir em atividades como manicure, criação de galinheiros, barbearia e outros pequenos negócios, permitindo que os empreendedores locais adquiram equipamentos e aprimorem seus serviços, o que representa uma grande oportunidade para a aldeia.

A partir dessas iniciativas, observou um grande potencial de parcerias com demais instituições, como por exemplo, a própria universidade, uma vez que foi identificado dificuldade no planejamento desses projetos de negócios por parte dos moradores.

4.5. Comercialização

4.5.1. Comercialização interna

Na Aldeia Limão Verde, o empreendedorismo é um elemento central para a economia local, especialmente através do trabalho das feirantes e artesãs, que representam a força do empreendedorismo feminino na comunidade. O ponto de comercialização interno, como as feiras semanais e o uso de plataformas digitais, principalmente grupos de WhatsApp, ajuda a manter a economia da aldeia ativa e acessível para os moradores.

Para algumas feirantes, vender na própria aldeia é mais conveniente, especialmente pela proximidade e pela dinâmica de comunicação entre elas. Na aldeia, elas têm a liberdade de comercializar seus produtos entre si, fortalecendo a economia local por meio de trocas e vendas diretas. Essa prática de autossustento e apoio mútuo beneficia toda a comunidade, porém a renda é pouca, diferente de quando vendem na cidade, onde conseguem uma renda maior em seus produtos.

A aldeia tem um grupo de WhatsApp, de troca e venda de produtos que funcionam como um meio prático para a comercialização, nesse grupo todos os moradores indígenas participam tanto como vendedor ou como consumidor, as regras do grupo são estabelecidas de forma que o grupo foi feito apenas para a comercialização de produtos, tanto alimentos como eletrônicos móveis entre outros.

Um ponto importante de comercialização dentro da aldeia é a feira interna, que ocorre às terças-feiras. Nessa feira, os moradores vendem uma variedade de produtos, desde hortaliças e verduras cultivadas no local até alimentos prontos, como espetinhos, açaí, sorvete e pastel, etc. Esse espaço proporciona uma oportunidade para os pequenos empreendedores da aldeia exporem e venderem seus produtos diretamente à comunidade, promovendo a autossuficiência e a valorização dos produtos locais.

No entanto, nem todos os empreendedores conseguem participar da feira interna. Uma das feirantes entrevistadas, a senhora Teodomira da Silva, mencionou que, embora comercialize seus produtos na feira da cidade de Aquidauana, não participa da feira interna. A aldeia dispõe de um ônibus para o deslocamento até a cidade, a falta de um transporte local para o centro da aldeia limita o acesso de algumas feirantes, especialmente daqueles que não possuem carro ou outro meio de transporte. Esse é um ponto que poderia ser aprimorado para fortalecer ainda mais o comércio interno e garantir que todos tenham a mesma oportunidade de participar.

4.5.2. Comercialização Externa - Feiras e Ambulante

A Aldeia Limão Verde destaca-se pela sua agricultura familiar, essencial para a subsistência e a economia local. A comercialização desses produtos ocorre através de feirantes e ambulantes, lideradas por uma representante que organiza a logística para a venda de produtos na cidade. Um ônibus é disponibilizado às 4 horas da manhã para transportar os produtos até a feira duas vezes por semana conforme mostrado na figura 11.

Figura 11 - Feirantes terena no ônibus, viajando para Aquidauana



Fonte: Cardoso, 2022, p. 67

Iara Chimenes Tibério, uma mulher de 67 anos, mãe de seis filhos e líder das feirantes da aldeia, iniciou sua jornada na feira ainda adolescente, acompanhando sua tia nas viagens para Aquidauana, onde vendiam seus produtos. Com apenas 12 anos, ela já enfrentava desafios, como a falta de um espaço fixo para as feirantes terenas na cidade.

Atualmente, o espaço destinado a elas, conhecido como "Quiosque", trouxe uma estrutura mais estável, permitindo que se organizem em suas bancas de maneira intuitiva, sem necessidade de marcações formais. Segundo, as feirantes que chegam primeiro escolhem seu lugar, mas isso nunca gera conflito, pois todos sabem o espaço que é seu e se respeitam. Essa organização facilita a comercialização e fortalece o espírito de comunidade entre as feirantes.

Como líder, Dona Iara foi escolhida pelos próprios feirantes, que a veem como um exemplo de resiliência e compromisso com o trabalho. Sua clientela é fiel, construída ao longo de muitos anos de dedicação e qualidade. Além da feira presencial, ela aproveita os benefícios da tecnologia para expandir suas vendas por meio de grupos de WhatsApp. "Eu vendo meus produtos no grupo de WhatsApp, isso ajuda bastante, porque os clientes já me conhecem e sabem da qualidade do que eu vendo."³

Sua história é marcada pela sua habilidade em equilibrar as responsabilidades como mãe e provedora. Hoje, ela não apenas garante o sustento de sua família, mas também promove a valorização dos produtos locais e a união da comunidade. Sua trajetória inspira as futuras gerações de feirantes e reforça o poder da liderança comunitária. A comercialização nas feiras externas não é apenas um meio de renda, mas uma forma de fortalecer a identidade cultural da aldeia e de suas tradições, transmitindo ao público urbano o valor dos produtos cultivados e produzidos com tanto cuidado e dedicação. Abaixo na figura 12 a senhora Iara Chimenes.

Figura 12 - Iara Chimenes, líder das feirantes



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

Algumas feirantes da Aldeia Limão Verde preferem se estabelecer em um ponto próximo ao Mercado Atlântico. Segundo uma das feirantes entrevistadas, a senhora Eloselina Ferreira da Silva, aos 42 anos, mãe de três filhas, moradora da aldeia Limão Verde conforme mostrado abaixo na figura 13, um exemplo de dedicação e perseverança para seus filhos. De acordo com ela, há seis anos, iniciou a comercialização de produtos naturais, como mandioca, milho, feijão, maxixe e quiabo, antes disso ela vendia pães caseiros na aldeia. No começo, suas vendas eram restritas à aldeia, mas tudo mudou quando sua irmã mais velha a incentivou a levar produtos para a cidade de Aquidauana.

³ Refere-se a Iara Chimenes Tibério, líder das feirantes, entrevistada no ponto de comercialização em 06 de Novembro de 2024

A primeira experiência na cidade foi desafiadora, pois conta em sua entrevista que passou o dia inteiro tentando vender seus produtos de porta em porta. Apesar das dificuldades iniciais, não desistiu. Hoje, ela possui um ponto de venda próximo ao Mercado Atlântico, onde conquistou uma clientela fiel. Além de comercializar sua própria produção, também revende mercadorias de outros fornecedores, sempre mantendo a qualidade e a confiança que cativaram seus clientes.

Embora dedicada ao trabalho, ainda enfrenta obstáculos, especialmente em dias chuvosos, já que seu ponto de venda não possui proteção, Silva (2024)⁴, relata que um dos fatores que influencia a escolha do ponto de venda é a menor concorrência direta nesse local, o que aumenta suas chances de venda. Além disso, a fidelidade de seus clientes é um aspecto importante para que ela permaneça naquele espaço. Ela ainda menciona que um dos desafios desse ponto é a falta de proteção contra intempéries, o que dificulta as vendas em dias de chuva.

Figura 13 - Eloselina em um dos pontos próximo ao mercado



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

Entre as feirantes desse local também estão as senhoras Teodomira da Silva, aos 71 anos (figura 14), é mãe de três filhos, ela começou sua trajetória como feirante em 2008, comercializando frutas, como laranja, limão caju e outros produtos da roça como mandioca, abóbora, maxixe, quiabo entre muitos outros produtos, relata ela que na época a terra dava muitos frutos e ela além de levar seus produtos para campo grande ajudava seu esposo na lavoura. Durante muito tempo, viajou até Campo Grande para participar de feiras maiores, ampliando seu alcance e aumentando seus rendimentos.

⁴ Refere-se a Eloselina Ferreira da Silva, feirantes entrevistada em 20 de Setembro de 2024.

Com o passar dos anos, ela teve que lidar com desafios cada vez maiores, como o aumento dos custos de insumos agrícolas e a redução de oportunidades de venda, especialmente após a pandemia.

A feirante também relata que a terra hoje em dia não dá frutos de grande escalas porque o solo não é mais tão fértil, além disso muitos animais selvagens mexem em seus produtos isso dificulta o plantio, hoje em dia ela faz a feira próximo ao mercado atlântico, ali suas clientelas são boas, todos já a conhecem e hoje é um ponto que ela prefere estar perto de pessoas conhecidas do convívio dela que é suas duas sobrinhas. Hoje seus filhos são adultos cada um com seu emprego fixo, Silva (2024)⁵, diz com muito orgulho que criou filhos e netos com a lavoura, Teodomira é um dos exemplos de mulher guerreira e dedicada, ela monta e desmonta seu estande constantemente, enfrentando dificuldades logísticas e oscilações no fluxo de clientes. Ela permanece firme, adaptando-se às mudanças e mantendo sua presença nas feiras da região, é uma forma de se manter ativa e ajudar nas despesas, Ainda assim, ela vê na feira mais do que uma fonte de renda, segundo ela a feira a faz bem e é algo que faz com prazer.

Figura 14 - Teodomira



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

Elianir Ferreira da Silva Botelho Leite com 46 anos (figura 15), é mãe de cinco filhos e começou a vender produtos alimentícios há 13 anos. Inspirada pelas mulheres ao seu redor que já trabalhavam na área, ela decidiu tentar. Desde então, tem se dedicado a aprimorar suas técnicas de cultivo e venda, tornando-se uma empreendedora resiliente. O carro-chefe de suas vendas é a mandioca, mas ela também comercializa abobrinha, quiabo, feijão verde e milho. Apesar de ter uma pequena roça, enfrenta desafios como interferência de animais e condições climáticas adversas, que comprometem sua produção. Mesmo diante dessas dificuldades,

⁵ Refere-se a Teodomira da Silva, feirante entrevistada em 25 de Setembro de 2024.

Leite (2024)⁶, mantém seu trabalho vendendo tanto no ponto de feira quanto de porta em porta, sem recorrer às redes sociais para divulgação, Elianir construiu sua clientela por meio do boca a boca e da qualidade de seus produtos. Um de seus maiores desafios é a falta de infraestrutura, sobretudo em dias de chuva. Ainda assim, ela alimenta o sonho de ter uma renda própria, o que traria mais segurança e estabilidade para seu trabalho, além de ser feirante, ela é acadêmica do curso de Geografia na UFMS/CPAQ.

Figura 15 - Elianir



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

Ivanete Machado Peixoto, de 48 anos, é feirante desde criança e atualmente fica na feira do centro. Ela começou a trabalhar muito jovem, ajudando na produção e venda de produtos agrícolas. Atualmente, os itens que mais comercializa são mandioca e outros produtos que ela mesma cultiva. Apesar de sua longa experiência, Ivanete enfrenta desafios, como as chuvas, que frequentemente dificulta suas atividades na feira.⁷

Celenir Dias Machado, uma feirante de 41 anos, começou a frequentar a feira na infância, acompanhando sua tia. Ela destaca que, enquanto no passado a atividade era mais rentável, atualmente os preços altos dificultam a vida dos feirantes: "Antigamente dava pra lucrar bastante, criar os filhos, comprar as coisas. Hoje em dia, as coisas são mais caras."⁸ Os principais produtos que vende são da lavoura de seu pai, "Meu pai planta, e eu vendo."⁹

Celenir enfrenta desafios logísticos, dependendo de ônibus que operam apenas duas vezes por semana e lidando com custos elevados: "Sai muito caro pra nós."¹⁰ Além disso, as vendas variam ao longo do mês e são afetadas por condições climáticas. Apesar das dificuldades, ela

⁶ Refere-se a Elianir Ferreira da Silva Botelho Leite, feirante entrevistada em 27 de Agosto de 2024.

⁷ Entrevista realizada com Ivanete Machado Peixoto em 06 de Novembro de 2024.

⁸ Refere-se a Celenir Dias Machado, feirante entrevistada em 06 de Novembro de 2024.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

utiliza a internet para divulgar seus produtos. A trajetória de Celenir reflete a resiliência dos feirantes e a ligação entre a produção familiar e a feira como espaço de sustento.

4.5.3 Comercialização de artesanatos interno e externo

As artesãs da Aldeia Limão Verde são mulheres que se dedicam ao artesanato não apenas como uma fonte de renda, mas uma forma de valorização cultural e preservação das tradições Terena. Essa prática reflete os conceitos de economia criativa destacados pela UNESCO (2020), que enfatizam o papel do saber ancestral na geração de produtos com alto valor agregado. Além disso, a participação das artesãs em feiras externas, como a Feira de Empreendedorismo Indígena no Pantanal, demonstra a importância desses espaços para conectar comunidades indígenas a novos públicos, promovendo a identidade cultural e a autonomia econômica.

Arrieth Dias Alonso Samaniego (figura 16) tem 29 anos, é mãe de dois filhos, residente da aldeia Limão Verde, diz ela em entrevista que trabalha com artesanato desde os 12 anos de idade, criando brincos, pulseiras, colares e chaveiros feitos de sementes naturais e miçangas. Iniciou sua trajetória ao observar sua irmã mais velha praticar a arte do artesanato, esse interesse despertou nela a vontade de expressar sua cultura por meio de suas criações. Atualmente, o principal meio de venda de seus produtos é sua rede social pessoal, além disso, em seu relato, menciona que seus principais clientes estão na Aldeia e que costumam procurá-la para consumir seus produtos e também que sua maior fonte de renda provém do artesanato.¹¹

A primeira oportunidade que teve para exibir seu trabalho fora da aldeia foi na Feira de Empreendedorismo Indígena no Pantanal, organizada pelo time Enactus, formado por alunos da UFMS, que aconteceu no dia 11 de maio de 2024. Esse evento ajudou ela a mostrar e vender suas peças. Durante o evento, as artesãs Arrieth e Alessandra Dias trouxeram suas habilidades e tradições.

¹¹ Entrevista realizada com Arrieth Dias Alonso Samaniego, em 11 de Maio de 2024.

Figura 16 - Artesã Arrieth na Feira do Enactus



Fonte: Acervo pesquisadora (2024)

Alessandra Dias Alonso de 36 anos, mãe de duas filhas, desenvolveu desde a infância uma paixão pelo artesanato. "Tudo começou na minha aldeia, onde eu participava da dança tradicional terena, conhecida como SIPÚTERENOE em minha aldeia".¹² Atualmente, essa dança é apresentada em escolas e em diversas festividades, “desde cedo, aprendi a confeccionar meus próprios adornos, o que se tornou uma prática constante”.¹³ Seu trabalho envolve a criação de colares, brincos, tiaras, braceletes e vestuário, utilizando principalmente sementes e tecidos como juta, ela também confecciona cocares e utiliza o tear em algumas peças.

A artesã ainda relata: "Embora nem sempre divulgue meu trabalho, costumo compartilhá-lo nas redes sociais e em feiras para as quais somos convidados. Em algumas ocasiões, adquirimos sementes de outros artesãos quando não estão disponíveis na aldeia."¹⁴

Dessa forma, observa-se que as feiras desempenham um papel essencial na valorização do trabalho das mulheres empreendedoras da Aldeia Limão Verde, conectando-as a públicos diversificados e garantindo reconhecimento além dos limites da comunidade. As trajetórias das feirantes, como as de Dona Iara Chimenes e Eloselina Ferreira da Silva, destacam uma resiliência admirável diante de desafios estruturais. Enquanto Dona Iara lidera as feirantes com uma clientela fiel conquistada ao longo de anos, Eloselina supera dificuldades relacionadas à falta de proteção em seu ponto de venda externo, mostrando que a escolha de locais estratégicos e a relação próxima com os clientes são diferenciais fundamentais.

Entretanto, desafios significativos permanecem. Limitações de infraestrutura, como a ausência de sanitários adequados na feira, e os custos elevados de transporte foram mencionados pelas entrevistadas como barreiras importantes. Além disso, a falta de proteção contra intempéries em alguns pontos de venda e a escassez de produtos devido à menor

¹² Entrevista realizada com Alessandra Dias Alonso através de whatsapp, em 01 de Junho de 2024.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

fertilidade do solo na aldeia demonstram a complexidade das condições enfrentadas por essas empreendedoras. Esses pontos reforçam a necessidade de melhorias estruturais e de maior suporte logístico.

Por outro lado, as parcerias estabelecidas com instituições como o SENAR e ONGs têm proporcionado capacitações que fortalecem as atividades produtivas. Além disso, o uso do grupo de WhatsApp da aldeia como ferramenta de organização e comunicação demonstra o potencial de tecnologias acessíveis para otimizar a gestão das atividades comerciais.

Por fim, a comercialização externa também reflete um equilíbrio entre tradição e inovação. As feirantes combinam práticas tradicionais, como a venda de produtos cultivados pela agricultura familiar, com ferramentas modernas, como grupos de vendas digitais. Essa dinâmica exemplifica o empreendedorismo indígena, conforme discutido por Oliveira (2020) e Silva e Gomes (2022), que combina saberes tradicionais e práticas contemporâneas para promover autonomia econômica e preservar a identidade cultural. Apesar das resistências observadas em relação à introdução de novas iniciativas, como o turismo de base comunitária, as feirantes da Aldeia Limão Verde demonstram um protagonismo transformador, essencial para a sustentabilidade econômica e a valorização da cultura indígena.

Com relação a promoção de novos canais de comercialização destacamos o aplicativo Mercado Solidário, desenvolvido pela UFMS que visa fortalecer a economia solidária ao conectar produtores locais a consumidores de forma acessível e prática. Essa ferramenta ilustra o conceito de redes alternativas de comercialização descrito por Miranda (2020), que reforça a importância de iniciativas digitais para ampliar o alcance dos produtos de comunidades tradicionais. Contudo, as limitações apontadas pelas feirantes, como preços pouco competitivos, destacam a necessidade de estratégias de capacitação em precificação e marketing, conforme defendido por Ribeiro et al (2020).

No aplicativo, os produtos são organizados em categorias, com filtros que facilitam a busca pelos itens desejados. Além disso, informações sobre os produtores, como nomes e contatos, estão visíveis, reforçando a conexão entre cliente e vendedor. A oferta inclui uma ampla variedade de mercadorias, como frutas, verduras, alimentos processados, conservas e artesanato.

Uma das pesquisadoras utilizou o aplicativo para explorar as possibilidades de comercialização e levantou um ponto crítico: os preços praticados pelos produtores não pareciam competitivos para as feirantes da Aldeia Limão Verde. Isso reforça um desafio

recorrente enfrentado por elas: alinhar o valor de seus produtos com as expectativas do mercado.

Embora o Mercado Solidário ofereça uma estrutura centralizada e profissional que supera ferramentas como WhatsApp e Facebook em termos de organização, ele ainda apresenta limitações que precisam ser trabalhadas.

Portanto, o app pode ser um canal complementar interessante, mas é necessário que as usuárias recebam capacitação para maximizar seus benefícios e superar os desafios específicos de comercialização no ambiente digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender as dinâmicas do empreendedorismo feminino na Aldeia Limão Verde, com foco nas práticas de comercialização realizadas por feirantes e artesãs. A análise destacou o papel central das mulheres na economia local, evidenciando sua capacidade de resiliência diante de desafios estruturais, culturais e logísticos. As feirantes e artesãs demonstram protagonismo ao combinar saberes tradicionais com práticas contemporâneas, alinhando-se às discussões teóricas sobre o empreendedorismo indígena como ferramenta de transformação econômica e preservação cultural.

Os resultados apontaram que, apesar das adversidades, as mulheres têm encontrado formas inovadoras de superar barreiras, como a exploração de redes alternativas de comercialização, parcerias institucionais e o uso de ferramentas digitais. Parcerias com instituições como SENAR, ONGs e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) têm desempenhado um papel essencial na capacitação técnica, suporte às atividades produtivas e visibilidade das iniciativas. Destaca-se, por exemplo, o envolvimento da UFMS em ações como a Feira de Empreendedorismo Indígena, que ampliou a exposição do trabalho das artesãs a novos públicos e mercados.

No entanto, desafios significativos ainda persistem, como a falta de infraestrutura adequada, transporte interno limitado, acesso restrito a crédito e condições climáticas adversas. Esses fatores afetam diretamente a produção, a comercialização e o alcance das iniciativas empreendedoras. Por outro lado, ferramentas digitais, como o grupo de WhatsApp da aldeia, evidenciam o potencial de soluções simples e acessíveis para organizar e divulgar as iniciativas locais, enquanto estratégias mais estruturadas, como a formação de cooperativas, podem potencializar os resultados.

A pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas direcionadas à autonomia das mulheres indígenas, com atenção às especificidades culturais e econômicas da comunidade. A promoção de ações estruturais, aliada à valorização da identidade cultural, é essencial para fortalecer o empreendedorismo feminino e a sustentabilidade econômica da aldeia. Estratégias como o turismo de base comunitária e a formação de cooperativas oferecem oportunidades promissoras, embora demandem planejamento e maior aceitação da comunidade.

A partir deste estudo, algumas lacunas e questões emergem como direções promissoras para pesquisas futuras:

1. Governança e Estruturas de Poder: Investigar com mais profundidade as estruturas de poder formais e informais da aldeia, analisando como as lideranças locais (cacique, conselhos e representantes das vilas) influenciam o desenvolvimento econômico e a tomada de decisões comunitárias. Além disso, estudar o impacto dessas estruturas nas dinâmicas de gênero e no protagonismo feminino.

2. Regras Formais e Informais: Explorar as regras formais e informais que orientam o uso dos recursos e a organização interna da aldeia. Por exemplo, entender como as terras são distribuídas, os critérios para participação nas feiras e os mecanismos de resolução de conflitos pode oferecer insights para uma governança mais eficiente.

3. Sustentabilidade Econômica e Ambiental: Avaliar como as práticas empreendedoras podem ser integradas a estratégias de sustentabilidade ambiental, especialmente no contexto da agricultura familiar e do artesanato. Estudos sobre o impacto das mudanças climáticas no território e na produção local também seriam relevantes.

4. Impacto de Ferramentas Digitais: Ampliar a análise sobre o uso de tecnologias digitais, como aplicativos e redes sociais, para a comercialização. Pesquisas futuras poderiam avaliar como essas ferramentas afetam a renda, a organização comunitária e a visibilidade das iniciativas da aldeia.

5. Turismo de Base Comunitária: Investigar o potencial e os desafios para o desenvolvimento do turismo de base comunitária na aldeia, considerando a valorização da cultura Terena e os possíveis impactos socioculturais dessa atividade.

6. Gênero e Empoderamento: Realizar estudos mais focados na perspectiva de gênero, explorando como as mulheres percebem seu papel na economia local e na comunidade. Isso inclui investigar a participação feminina nas decisões de governança e sua relação com as iniciativas empreendedoras.

7. Educação e Capacitação: Analisar o impacto das capacitações realizadas por instituições parceiras, como SENAR e UFMS, na autonomia econômica da aldeia. Um estudo sobre a eficácia dos cursos oferecidos e sobre como poderiam ser aprimorados seria fundamental.

8. Comercialização Alternativa: Expandir o estudo sobre as redes alternativas de comercialização, investigando como modelos como cooperativas, clubes de compras e parcerias com mercados urbanos podem ser implementados para ampliar as vendas e reduzir a dependência de intermediários.

Conclui-se que o objetivo do trabalho foi atingido, pois foram identificados os principais desafios enfrentados pelas feirantes e artesãs e as soluções inovadoras que elas adotam para superá-los. Durante as entrevistas enfrentamos algumas dificuldades em entrar em contato com as artesãs, no total havia apenas três artesãs na Aldeia, das quais conseguimos falar com duas. Além disso, muitas feirantes demonstraram timidez em compartilhar suas experiências que limitou a profundidade das informações obtidas.

Para contornar essas dificuldades, utilizamos o whatsapp para comunicação o que permitiu a coleta de dados de forma mais acessível. Apesar dessas barreiras, o estudo evidenciou a importância do empreendedorismo feminino na aldeia, não apenas como fonte de renda, mas como meio de valorização cultural, fortalecimento da economia local e promoção da autonomia das mulheres. Este estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a governança, a comercialização e o papel das mulheres em comunidades indígenas, servindo como base para futuros projetos que busquem apoiar e fortalecer essas populações, com destaque para a continuidade das parcerias com instituições como a UFMS.

6 REFERÊNCIAS

AMARAL, L. de S.; SANTOS, C. de J.; COSTA, F. B.; MOURA, J. T. V. de; TORRES, F. de L. Redes agroalimentares alternativas: um olhar sobre a central de comercialização da agricultura familiar e economia solidária no Rio Grande do Norte (CECAFES). **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 4, n. 30, p. c17235, 2021. DOI: 10.21680/1982-1662.2021v4n30ID17235. Disponível em: <https://periodicos.ufn.br/interlegere/article/view/17235>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. Informações do Brasil. Portal Gov.br, [2020?]. Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CARDOSO, V. G. Senóhiko Kavánetihiko, Íhaehiko IpoXóvokuti IháXenoti Tonó`iti Limaun. Entrelugares e interculturalidade: vivências de feirantes Terena da Aldeia de Limão Verde. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso

do Sul, Campus de Aquidauana, Aquidauana-MS, 2022. Disponível em:
<<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5623>>. Acesso em: 17 nov 2024.

CARDOSO, Wanderley Dias. Aldeia Indígena de Limão Verde: escola, comunidade e desenvolvimento local. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2004.

CUNHA, Stefane Henrique da; SINGULANI, Victória Ruffato. Feiras livres de Viçosa, potencialidades para economia criativa e comércio justo. **Revista de Ciências Humanas**, v. 3, n. 23, p. 1-15, 2022.

DAROLT, Moacir Roberto; ROVER, Oscar José. Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social. Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229738>. Acesso em: 12 nov 2024.

DE CASTRO, Iára Quelho. Os Terena nas memórias e história de Aquidauana. **Albuquerque: Revista de História**, v. 6, n. 12, 2014.

ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. UNESCO. Disponível em: <https://www.unesco.org>. Acesso em: 10/Nov/2024.

FEIDEN, Aldi; RAMOS, Manoel João; SCHWANKE, Jéssica. O comércio eletrônico como ferramenta de comercialização para a agricultura familiar. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Toledo – Paraná, 2020

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: **FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FSC Indigenous Foundation. Identificando os principais desafios das economias indígenas. Disponível em:
<<https://www.fscindigenousfoundation.org/pt-br/identificando-os-principais-desafios-das-economias-indigenas>>. Acesso em: 15 nov 2024.

GALAN, Maria Cristina. As Terena. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PUC, São Paulo.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 1995.

LIMEIRA, Tania M. Vidigal. Empreendedorismo Social no Brasil: Estado da Arte e Desafios. ICE, 2015.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation. 4th ed. San Francisco, CA: Jossey Bass, 2016.

MIRANDA, Dayana Lilian Rosa. Redes de cidadania agroalimentar e a construção social do mercado de orgânicos/agroecológicos em Florianópolis - SC. Curitiba, 2020.

OLIVEIRA, B. A. Empreendedorismo Social e Suas Características: Um Estudo Multicasos na Cidade de Arcos/MG. IFMG, 2020.

RIBEIRO, Henrique Sofiati De Barros; DAROLT, Moacir Roberto. Comércio eletrônico de orgânicos em circuitos curtos: o caso de um delivery em Curitiba-PR.

DAROLT, Moacir Roberto; ROVER, Oscar José (Org.). Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. p. 248-261.

RIBEIRO, L. M. S.; OLIVEIRA, L. S.; SILVA, B. C.; AQUINO, H. P. Empreendedorismo Social no Brasil. Revasf, Petrolina, 2020

ROCHA, André. Lançamento do aplicativo ‘Mercado Solidário’ impulsiona agricultura familiar e economia solidária em Mato Grosso do Sul. **Empreenda MS**, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://www.empreendams.com.br>. Acesso em: 17/Nov/2024.

SANCHES, Caroline Cristina; MORAIS, Leandro Pereira. Economia solidária e o ecossistema empreendedor solidário: o caso de Araraquara (SP). 2020.

SILVA, M. N. C.; GOMES, F. E. Empreendedorismo Indígena: uma revisão de literatura. Revista de Empreendedorismo, Negócios e Inovação, 2022

SOUSA, Edimar dos Santos de et al. Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA): percepção de agricultores e coagricultores. Interações (**Campo Grande**), v. 24, n. 2, p. 445-460, 2023.